

Sinais de quadro eleitoral em mudança

Newton Rodrigues *

Pouco mais de um mês separa os partidos do prazo fatal de fixação das candidaturas que, pela lei eleitoral, se extingue a 30 de junho. Mas, embora as duas candidaturas até agora principais estejam fixadas e dispondo de um elenco de siglas de apoio, o quadro não está estabilizado e desconjunta-se o que muitos achavam definido. A evolução das pesquisas está revelando com mais clareza o que já vinha ocorrendo, a saber, a queda dos índices de preferência de Fernando Henrique Cardoso e a redução da distância que o separa de Lula, que cresceu um pouco. A diminuição da folga entre ambos deveu-se mais às perdas do tucano do que ao progresso do petista.

Segundo a última apuração Vox Populi o espaço é de apenas 9 pontos, folga nada tranquilizadora quando faltam mais de quatro meses para o pleito. Aliás, em entrevista na Globo Sat, Mário Coimbra, diretor da empresa, afirmou que não se admiraria de nova queda de FHC na próxima pesquisa. Pelos dados do Ibope, embora a distância ainda seja grande (15 pontos), a favor de FHC, a soma dos oponentes atinge 39 pontos, igualando-se aos índices presidenciais, o que aumenta a possibilidade de segundo turno, maior espanto dos reeleitoralistas, desde que iniciaram a campanha pela ficada. Mas a euforia de Brizola e Lula anda exagerada pois o avanço da chapa "de esquerda" ainda é pequeno e não se pode avaliar sua possi-

bilidade de desempenho, permanecendo forte a taxa de rejeição a Luís Inácio, a que se soma o repúdio eleitoral a Brizola atestado nos contundentes números das eleições de 1994, tanto nacionalmente, como em suas principais bases políticas, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

O desconchavo eleitoral é genérico e não atingiu seu momento crítico. A perda de velocidade de FHC, agravada pela evidente falta de controle verbal, inquieta os aderentes fisiológicos que se incorporaram ao carro oficial supostamente vitorioso por antecipação, e cuja postura final vai depender da influência que o descenso do candidato ameace exercer nas votações de governador, deputados estaduais e congressistas. Nesse caso, mesmo que não seja declarada, valerá a regra "Mateus, primeiro os teus", propiciando acordos locais cristianizadores. Como diria o esquecido conselheiro Acácio, nada está acabado, se não terminou. Há possibilidades de melhoria eleitoral do tucano-mor, inclusive devido aos erros repetidos da oposição. A verdade, porém, é que os fatos vêm favorecendo a recuperação. As atitudes senhoriais de desprezo, ferindo diversos setores e personalidades, agravam desgastantes acontecimentos substantivos. A morosidade de ação no incêndio de Roraima, afinal vencido pela natureza, a atitude oficial em face da enorme



seca nordestina, que está começando, o confronto direto não apenas com os sem-terra, mas com o funcionalismo público e os aposentados e aposentáveis, o pouco entendimento com a Igreja Romana que recusa a identificação de saques famélicos com formação de quadrilha e imagens semelhantes, exemplificam dificuldades. E pasma que alguém habituado a estudos, mesmo quando o desemprego já grassava, negasse a importância do problema (Veja 10/9/97 e Gazeta Mercantil 14/11/97) desligando-se da realidade. A meta

reeleitoral, que enformou o governo, terá contribuído para isso, pois reconhecer a crise do mercado de trabalho não ajudaria a reforma constitucional em debate.

Espraia-se o sentimento geral de que o charme intelectual que foi atração eleitoral, reforçada pelo medo a Lula, expresso nos índices de rejeição e das suas dificuldades de sair da faixa de popularidade em que se mantém há anos, ajudou em 1994, mas perdeu a atração. Mesmo em seu setor específico o presidente perdeu espaço, como se vê da insolucionada greve nacional dos professores universitários, a completar dois meses. Embora fosse provável que o segundo turno favorecesse uma candidatura capaz de adotar posições que, no quadro brasileiro, seriam de centro-esquerda, tanto o PT, quanto o PDT tudo fizeram para impedir a hipótese,

criticando asperamente possíveis alternativas como as de Itamar Franco e Ciro Gomes e vencendo os desejos do PSB de atuar nessa direção. Desse modo, a derrota do ex-presidente na convenção do PMDB teve muito a ver com a falta de apoio externo à sua postulação e as homenagens que tem recebido da área que muito o hostilizou reduzem-se a uma tática imediatista.

O triunfalismo petista é uma réplica ao de FHC e tem os mesmos ingredientes. A ânsia de estabelecer uma vasta aliança e a simbiose retardatária com Brizola puseram Lula e seu partido em situação vulnerável, atingindo a vida partidária. Independentemente do que se ache da linha política de Vladimir Palmeira e de sua ala, a verdade é que expressam uma corrente importante na vida do PT, como se verifica por vários fatos, entre os quais a apertada eleição de José Dirceu, quando disputou com Milton Temer a presidência da legenda, o bom desempenho de Chico Alencar na eleição municipal, apesar de abandonado pela direção nacional, e a vitória do próprio Vladimir na convenção que o escolheu candidato ao governo do Rio de Janeiro, rejeitando a receita de submeter-se às exigências de Leonel Brizola. A autonomia nas decisões das seções locais é inerente à própria federação, e em nenhum momento foi posta em dúvida a chapa à Presidência e Vice-Presidência da República. A cassação consistiu, assim, em um ato de força cujos efeitos serão duradouros, independentemente de o grupo sacrificado bater ou não às por-

tas da justiça eleitoral, o que será decidido nos próximos dias. Pode-se considerar improvável que os petistas enquadrados pelo centralismo se disponham a votar no candidato do PDT, sacramentado por Lula. Lembre-se, aliás, que, em face da improbabilidade de alguém liquidar a fatura no primeiro turno, o apoio a Garotinho, na segunda rodada, estaria garantido se o próprio Vladimir não permanecesse no páreo.

Mas não só FHC e a dupla Lula-Brizola têm problemas difíceis a resolver. No próximo dia 7, o PMDB examinará mais uma vez a hipótese de candidatura própria, em quadro diverso do anterior. São limitadas as expectativas de reverter a situação, mas, ainda assim, o problema permanecerá em aberto até a convenção de junho. De qualquer modo, a possibilidade de Itamar concorrer ao governo de Minas, se não conseguir a legenda de seu partido para disputar o Planalto, já está tendo efeitos prejudiciais à candidatura de FHC, pois a presença do ex-presidente em qualquer disputa polarizará, segundo as pesquisas, a maior parte do eleitorado mineiro, segundo mais numeroso do País, e seguirá a linha oposicionista adotada. Segundo o porta-voz da Presidência (O Globo, 26/5/98), "há uma situação de imprevisibilidade" e "não se tem indicação segura nem em uma direção nem em outra". Viu-se que nem tudo que reluz é ouro e resta apurar se tudo que balança cai.